

um pouco maior, proveniente de Trás-os-Montes <sup>1</sup>: figs. 6 e 7. Todas estas três carinhas são ôcas pelo lado oposto.

As figuras que acompanham êste artigo assentam em desenhos de Saavedra Machado, desenhador do Museu Etnológico, e estão de tamanho natural.

J. L. DE V.

## Vestígios do passado em Idanha-a-Velha

### IV

#### Ruínas de ruínas ou estudos igeditanos

Em 1903, fui pela primeira vez à Idanha-a-Velha e aí me demorei de 18 de Novembro a 10 de Dezembro. Aí voltei no ano seguinte em Maio e Junho e novamente em 1910<sup>2</sup>. O encargo oficial, que eu levava, como funcionário do Museu Etnológico Português, era o de estudar, especialmente, os notáveis restos epigráficos que abundavam naquela povoação, segundo os historiógrafos portugueses e nomeadamente segundo E. Hübner no seu *Corpus Inscriptionum Latinarum*, fazendo as possíveis aquisições de lápides para enriquecimento do Museu.

Como era natural para quem trabalhava com paixão arqueológica, não limitei nem à povoação de Idanha-a-Velha a minha excursão, nem à época romana as minhas investigações. Percorri algumas outras terras mesmo excêntricas do que lá chamam a *campanha* da Idanha; Alcafozes, Monsanto, Medelim, Alcains, Vale de Prazeres, Bemposta, Proença-a-Velha, Idanha-a-Nova e pontos intermediários foram por mim percorridos com curiosidade. Na Idanha-a-Velha tive, para trabalhos de moldagem de lápides em 1904, um devotadíssimo auxiliar, que desgraçadamente a morte já levou, Guilherme Clodomiro Gameiro. O seu trabalho durante o mês de Junho de 1904 foi colossal; bastará olhar para as reproduções de gesso, que completam as

<sup>1</sup> Da quinta da Macieirinha, freguesia de Carviçais (Moncorvo), oferecida pelo Rev.<sup>o</sup> José Augusto Tavares, Abade da mesma freguesia.

<sup>2</sup> Cf. *História do Museu Etnológico Português* pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, pp. 326, 327, 332, e *Archeologo Português*, IX, 38; X, 45; XIV, 169.

lápides originais da Idanha no Museu Etnológico Português e apreciar o esforço que foi necessário para realizar êsse trabalho em uma terra, situada no fundo de uma extensa província e pèssimamente dotada de communicações<sup>1</sup>.

De todas as pesquisas resultavam numerosas observações, que pretendi metodizar, iniciando uma 3.<sup>a</sup> série nos meus modestos estudos, com a epigrafe que serve de sub-título a êste artigo. Dessa série já publiquei: 1.<sup>o</sup> *Elenco da epigrafia lusitano-romana: A) inscrições hierológicas (O Archeologo Português, XIV, 169-197)*, parte esta a que se deve seguir a que abrange as outras inscrições; 2.<sup>o</sup> estudozinho: *Os deuses igeditanos: Arentius e Revelanganitaecus (Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses, t. XIII, p. 5)*. As restantes investigações não podem caber em um só artigo e por isso julguei de bom critério reparti-las em várias monografias parciais em relação com a importância e extensão das matérias.

O presente estudo é uma colheita de tudo quanto pude haver conhecimento na própria povoação de Idanha-a-Velha e que se refira a qualquer época arqueológica. Os vestígios encontrados nas outras terras visitadas farão parte de outra monografia. As colheitas epigráficas serão tratadas à parte. A exploração de uma anta, o estudo de certos exemplares de cerâmica medieval, constituirão outros tantos estudos parcelares. Julgo ser êste o meio de abreviar a divulgação dos resultados a que cheguei com as excursões feitas em uma região tam rica em antiguidades.

Já na primeira notícia que publiquei, relativa à entrada de antiguidades igeditanenses no Museu Etnológico Português, prestei a mais affectuosa e gratíssima homenagem aos cavalheiros que, na Beira Baixa, me distinguiram com notável e sincero acolhimento; a êles devo eu o extraordinário resultado das minhas pesquisas e o estabelecimento para o qual eu trabalhava deve, além da mais antiga inscrição latina de Portugal datada, a mais nutrida colecção de lápides romanas completas que possui e que em toda a parte constituiriam uma notável secção de epigrafia; remeto os leitores para *O Arch.*

---

<sup>1</sup> Segundo me consta, actualmente, se tem uma estrada que a liga a Medelim, deve-se, não a influências, mas à bôlsa de um bènèrito, o Sr. João dos Reis Leitão Marrocos. Quando lá estive em 1910, o transporte de cousas e pessoas tinha de se fazer de Idanha-a-Nova, de Medelim ou de Alcafozes a cavallo. Para as reproduções das lápides, o gêsso e o barro foram de Lisboa; a madeira de Medelim.

*Port.*, IX, 38, e XIV, 169, onde prestei escassa homenagem aos serviços e bondade do Ex.<sup>mo</sup> Sr. João dos Reis Leitão Marrocos, em cuja casa sempre me hospedei na Idanha-a-Velha<sup>1</sup>.

### Idanha-a-Velha

Sem embargo dos anos que já decorreram depois da minha primeira visita à Idanha-a-Velha, não se me apagou da mente a impressão que recebi, de pesada melancolia, quando já a pouca distância da povoação avistei as ameias primeiro e logo a base da tórre da cidade que coroa o pequeno grupo de edificios em que hoje se resume a antiga Egitânia.

No fundo do vale formado pelo Ponsul, quási escondido e mal erguendo da sua cova as velhas paredes, em que os curiosos ninhos das cegonhas tecem ingentes turbantes de lenha sêca, êsse hirto cubo de cantaria diz na côr do seu granito secular, calci-requeimada aos verões tropicais daquela região, o ostracismo a que foi há muito votado; a perda absoluta da sua missão militar doutroira.

Bem especiais condições estratégicas, utilizáveis nas lutas da primeira dinastia, mas que não se repetiram depois, poderiam tornar conveniente a fortificação daquele padraço de xisto, meio oculto num cotovêlo do Ponsul e a meio dia de viagem de uma altaneira fortaleza, como já era a de Monsanto.

Idanha-a-Velha é hoje um aglomerado de pequenas casas, em que a cal é rara, mas os silhares arcaicos abundam nas paredes, entremeados com as lascas informes das lousas que emergem do terreno<sup>2</sup>. Um cinto de muralhas façanhudas, com os restos das suas tórres cilíndricas, a circunda ainda, mas decerto já consideravelmente diminuídas em muitos sítios da sua primitiva altura. Dentro, restos abalados de uma nobre basilica, agora aberta à chuva, servem de cemitério, não sôbre o antigo pavimento, mas sôbre a última camada de destroços e entulhos. No pavimento das ruas, nos panos das paredes, nos cunhais das casas, nas cortinas dos muros, graves inscri-

---

<sup>1</sup> Não precisei levar o seixo na bôca, como se diz aos que vão pela primeira vez à Beira. Esta profilaxia supersticiosa existe em vários sítios.

<sup>2</sup> Um único edificio, sem falar na pobre igreja, ri na brancura das suas paredes e na frescura dos seus telhados, denunciando o conforto de uma habitação em que nada falta: é a casa de morada do Sr. J. dos R. L. M.

ções romanas, quasi todas funerárias, falam do grande passado desta aldeia e enervam o espírito do visitante de melancolia, assombrando-lhe o espírito de cogitações severas. A época romana e a medieval enclavinham os seus vestígios dentro dêste pequeno povoado, deixando adivinhar quanto pode ter sido grande a capital dos *Igeditani* na época imperial, a sede do bispado da *Egitânia* no reino dos suevos e dos visigodos, o coito acastelado dos esforçados templários na dinastia afonsina.

Mas deixemos os sonhos do passado para os poetas da arqueologia e vamos friamente à descrição dos destroços que a minha missão oficial me obrigava a assinalar.

#### Vestígios pre-históricos

Não é de admirar que no solo da povoação nada apareça da época pre-histórica; as civilizações históricas que aí se sucederam devem ter destruído tudo o que ficasse dêstes tempos. Apenas de frente da Idanha, na margem esquerda do Ponsul, me pareceu ver uma pequena elevação de terra já muito arrasada, onde talvez outrora tivesse existido uma mamoa. Não pude procurar com a enxada a solução da suspeita. Na mesma margem, mas sôbre uma eminência que fica ao poente da Idanha, há uma curiosa *Pedra Furada*. Teimam lá que no sítio, onde chega a sua sombra ao nascer do sol, há um tesouro escondido. Está visto que o buraco é artificial e a rocha um xisto que fura o chão, como bastantes outros.

#### Vestígios romanos

Estes é que são numerosos e significativos.

Não se encontra de pé nenhum edificio, mas não há dúvida de que alguns envasamentos de silhares rusticados, por exemplo em um dos pátios interiores do Sr. João dos Reis, são de edificios romanos, cujas paredes desapareceram. Estas cantarias com almofadas vi-as também em uma terra contígua à tôrre, mas a parte de parede que se edificou por cima parece medieval, como direi. Na rua próxima vê-se um cunhal e parte de parede que parecem obras romanas. Conhecem-se os silhares com almofadas rústicas e os buracos do forfex. As pedras rectangulares do pequeno aparelho e fiadas horizontais têm todos os visos de serem da época romana.

Na tapada das Poldras vêem-se ruínas de um edificio com restos de dois arcos de tejo, compartimentos de pequeno aparelho, e

outra camara forrada de formigão, e a respectiva porta de entrada. Parece obra romana aproveitada na idade-média, em reconstrução.

Os destroços romanos avulsos são numerosos; no recheio das muralhas ou avulsamente em paredes modernas e nas ruas encontram-se cantarias de grandes edificios com molduras, ornamentos e letras. Devo destacar desta série de restos, certas pedras com a mesma forma e ornadas idênticamente de um ou vários lavores, das quais o mútuo parentesco não se pode negar. Julgo que fizeram parte de construções fúnebres, em que um frontão ou remate apresentasse as mesmas linhas architectónicas. Algumas destas pedras vieram para Belém, bastantes ficaram na Idanha por não ter convido extraí-las do lugar em que estavam e serviam; e destas uma ou duas foram moldadas, para servirem de estudo no Museu.

Pela sua reprodução gráfica pode apreciar-se o seu interesse. A sua conexão com as lápides funerárias parece-me evidente: em alguns dos símbolos lavrados havia os mesmos vestígios de mínio, com que igualmente eram realçadas as letras das inscrições fúnebres. O ornato obedece ao florão sexifólio ou à estrela flamejante; é o mesmo que aparece em algumas lápides. A 1.<sup>a</sup> gravura foi desenhada por G. Gameiro, por um apontamento que tirei duma parede da Rua da Amoreira.

O motivo mais vulgar e repetido é o que se encontra nas ruínas das muralhas. Uma lápide que estava engastada na muralha a E. mostrava claramente vestígios de tinta vermelha. Debaixo da grande azinheira da muralha ficou uma destas pedras, muito bem conservada e interessante; sexifólia. Na capela de S. Dâmaso, há muito profanada, existe uma das mais curiosas destas pedras; tem um golfinho lavrado em relêvo dentro de um escudete rectangular, e mede de comprimento 0<sup>m</sup>,89 e de largura 0<sup>m</sup>,44. O disco é lavrado com fôlhas de hera e rosetas; as mesmas fôlhas preenchem os claros ao lado do escudete. Veio uma reprodução de gesso para Belém. Como se vê, está quasi completa.

Em uma parede à margem do Ponsul encontrei outra com duplo ornamento; o maior é um disco duplamente radiado; o menor é a roseta sexifólia. Aqui há a novidade de haver dois ornatos nos extremos da pedra, em vez de um só.

No Museu de Cluny, segundo um apontamento que obsequiosamente ali tirou o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, há lá umas peças architectónicas semelhantes e uma delas é de um *tumulus* de Breith, galo-romano (Catálogo, p. 34), até nas dimensões. As da Idanha, que vieram para o Museu Etnológico, medem de 0<sup>m</sup>,85 a 1 metro de

comprimento, e 0<sup>m</sup>,36 a 0<sup>m</sup>,44 de largura; note-se a uniformidade architectónica e a harmonia de dimensões destas pedras.

Depois destas peças de architectura provavelmente fúnebre, outros restos architectónicos menos característicos surgiam, como letras esparsas e incompletas de uma composição enigmática. Não se pode dizer seguramente que sejam só romanos estes vestígios. Um fragmento de cornija com mútulos é com toda a probabilidade romano.

Romanos serão também outros fragmentos.

Fiquei em dúvida se a verdadeira posição destes troncos de cilindro era horizontal ou vertical.

O prisma triangular lembra o capeado de uma parede.

Outro fragmento de cornija, em cuja face superior existe uma cavidade quadrada para embeber a base de um balaústre.

No Chão das Quintas e de Trás da Torre vêem-se pedaços de cornijas; na muralha para W. havia uma bela cornija.

No pátio da casa do Sr. João dos Reis, onde assinalai a presença de silhares em rústico, que faziam parte do soco de um edificio, encontra-se avulsa uma base aparentemente de ordem toscana muito pura. Do interior das muralhas extraem-se destas bases toscanas, e, o que é mais de notar, é que as colunas da basilica são iguais.

São monólitos, mas no Museu há bons exemplares destes trechos architectónicos, por cujas dimensões se classificam em dois grupos.

Em uma parede de uma casa que fica numa quelha ou azinhaga, junto das muralhas para a banda de E., vi uma enorme base de pedra, que parece ter sido cunhal de pilastra.

A largura é de 0<sup>m</sup>,42, mas na altura tem 0<sup>m</sup>,80. A faixa lisa tem 0<sup>m</sup>,12 de largura e o pseudo-filete 0<sup>m</sup>,03. Não pude medir o total comprimento.

O trecho de coluna é das peças mais comuns que se encontram, entre os materiais de construção da muralha. Mas não são só as muralhas que contêm destroços de grandes edificios; na ponte medieval sobre o Ponsul também os há.

Na parede interior de uma cavaliariça há um grande trôço de coluna canelada.

Na rua da Amoreira, junto à porta da residência do Sr. João dos Reis, vi dois fragmentos de arquitrave com o respectivo friso; estes porém não são de granito, como todos os restos architectónicos da Idanha, mas de mármore.

Das dimensões dalguns edificios dá idea um silhar de 0<sup>m</sup>,78 × × 0<sup>m</sup>,42 que está na torre da igreja da Misericórdia, com as letras PRE. Só a altura das letras é de 0<sup>m</sup>,34.

Pelo interêsse que estas antiguidades suscitam, e não trató ainda das inscrições, que são um atestado eloqüente da notável população de *Igeditani*, cuja capital ali era, podemos bem lamentar-nos, homens do séc. XX, de chegarmos tam tarde. Os visigodos assenhorearam-se desta cidade talvez ainda adornada com os seus monumentos, para elevar a sua basílica; decerto tiveram farto material nos monumentos do paganismo moribundo; mas depois os templários encontraram inesgotável pedreira nas ruínas de muitos edificios e acaso principalmente na Via Appia da Idanha, orlada como a de Roma de sepulcros numerosos.

Em Portugal, Coimbra e Évora, entre outras povoações, testemunham o mesmo facto; nas suas muralhas as antigualhas de origem lusitano-romana abundam.

Filipe Simões crê até que a colocação de lápides em lugar evidente das construções medievas era propositada (*Escritos diversos*, p. 20). Algumas vezes, como veremos na monografia epigráfica sobre a Idanha, essa observação tem fundamento; num caso, até se pretendeu relacionar o texto da epígrafe com a natureza do edificio a que foi aplicada, e isso já muito aquém do médio evo<sup>4</sup>. Não invectivemos os que assim procederam, porque não temos êsse direito; assim foi preciso<sup>2</sup>. É provável que estes belicosos freires ainda encontrassem alguma inscrição em que estivesse gravado o nome da cidade romana; nós até isso desconhecemos; precisamos chegar aos suevos para nos constar de um concilio bracarense o nome desta sede de um dos bispados dos seus domínios.

#### Vestígios mediéviços

É cousa notável que à abundância de lápides romanas não corresponda nem uma só inscrição cristã ou sequer visigótica! seria perigoso e até errado concluirmos dêste facto o êxodo ou o desaparecimento

<sup>4</sup> No interior da capela de S. Dâmaso, ao lado do altar-mor, embutiram a seguinte lápide:

REDEMPTO  
PLAVIVS  
ZOSIMVS  
PATRI·F·C·

Parece-me que quiseram relacionar a 1.<sup>a</sup> linha com o edificio cristão.

<sup>2</sup> Segundo C. Eulart, no *Manuscrite d'Architecture française* (II, 78 e 460), as obras de fortificação dos cristãos eram feitas com destroços pagãos por expressa indicação do Código Teodosiano.

da população lusitano-romana, que habitava esplêndidamente a capital do povo igeditano nos alvares do séc. v, ou já antes sem termos revolvido com a enxada de arqueólogo o solo da Idanha ou sem ter desventrado completamente as muralhas, que os templários aí construíram. Precisamente, junto da antiga Sé, que actualmente serve de cemitério, o terreno tem-se elevado até as impostas dos arcos; e na base exterior das altas muralhas dêsse mesmo lado existe ainda uma poterna, que interiormente esbarra nos entulhos. Em volta da Idanha não se fez sondagem alguma que permitisse encontrar ou os restos dos sepulcros romanos ou o local da necrópole dos bárbaros<sup>1</sup>. Por isso paira sobre estas ruínas igeditanenses o enunciado dêste problema.

Contudo o domínio dos suevos e dos visigodos averigua-se insofismavelmente pela numismática e pela literatura.

Alguns monarcas visigóticos cunharam moeda de ouro na Idanha e êsse é o facto capital do fim do séc. vi ao princípio do viii; possuidor de um triente ali encontrado é o Sr. João dos Reis.

No 1.º concílio bracarense, realizado em 561, já figura um bispo da Egitânia; dominavam ainda os suevos. É então que aparece a cidade com o seu nome *Egitânia*, que nenhum monumento romano existente nos transmite. Mas no próprio local da Idanha-a-Velha de hoje existem os restos miserandos da basílica, que julgo se deve atribuir à dominação visigoda. A disposição do que ainda se revela da sua planta e a forma dos capitéis e bases documentam a poderosa influência que as tradições e as próprias ruínas romanas exerceram no carácter da arquitectura que a alta idade-média ali adoptou. Dispondo apenas de uma fita métrica, tracei a planta, onde se vêem duas séries de colunas e adjuntos restos de paredes de muitas reconstruções posteriores. Não se imagine que o actual pavimento corresponde ao primitivo; êste existirá alguns metros abaixo do nível a que os entulhos subiram; seria difficil proceder a sondagens ou desobstruções dos depósitos, pois que é dentro do recinto da basílica que há anos se fazem os enterramentos a céu descoberto, como em um cemitério. Em consequência dêstes sedimentos, das colunatas só aparece a parte superior.

É preciso comparar os capitéis das colunas da basílica com as bases e capitéis que se encontram avulsamente nas ruas da Idanha.

<sup>1</sup> A campanha que planeava depois de 1910, último ano em que visitei a Idanha, tinha por escopo encetar essas sondagens para estudar mais completamente a Idanha romana. Em 1911 tive de deixar o Museu Etnológico Português.

Não é isento de dúvidas este confronto e por isso reüni em Belém alguns exemplares destes importantes elementos de construção.

A peça mais decisiva neste problema é a de que já falei atrás, porque é um monólito, em que julgo não poder duvidar-se que é uma base e não um capitel. Com a mesma disposição de molduras há porém na basílica pedras que servem de capitéis; e no recheio das muralhas igualmente.

As pedras de tipo maior têm as seguintes dimensões: lados em quadro 0<sup>m</sup>,70, altura deste rectângulo 0<sup>m</sup>,15, altura total da pedra 0<sup>m</sup>,45.

Bases como esta vi treze, estando dez em óptimo estado; destas é que trouxe uma para Belém.

Havia outro tipo menor, exactamente igual e, o que é curioso, deste modelo algumas pedras eram capitéis jónicos, munidos de dois balaústres, adaptados sem senso artístico, sem compreensão às mesmas molduras dos que não eram jónicos. A todos sobreleva um capitel que trouxe para o Museu Etnológico, e que deverá considerar-se compósito, visto ter o cêsto ornado de fôlhas.

Encontrei-o à porta da capelinha do Espírito Santo. É adornado com fôlhas lanceoladas que parecem de certa trepadeira silvestre. Esta ornamentação e o seu aspecto comprimido não permitem que seja romano. Continuo a dizer que é muito difícil distinguir aqui o que é romano do que é simplesmente cristiano-latino. Demais a mais na igreja românica de S. Pedro de Vilacova há capitéis jónicos da mesma forma dos da Idanha.

As peças munidas de balaústres jónicos são evidentemente capitéis; mas além de as haver com as mesmas molduras sem os balaústres, são idênticas, à parte as dimensões, ao monólito a que me refiro acima, que ninguém dirá ser um capitel. Devo porém notar o seguinte: as molduras destas peças pertencem, segundo um tratado de arquitectura que tenho presente (Dupuis, *Traité d'Architecture*), ao capitel da ordem dórica; contudo elas figuram como capitéis jónicos quando os respectivos balaústres se lhes adaptam; ao capitel jónico antigo, isto é, de faces dissemelhantes, pertencem-lhe molduras de outra forma, e a base desta ordem também é diferente das que vemos na Idanha.

Estas anomalias serão a prova do barbarismo de uma época post-romana ou serão próprias apenas de um estilo provincial dentro ainda da dominação romana?

Dentro ainda da basílica vêem-se algumas placas de mármore lavradas num estilo correspondente ao carolingiano em França. Ape-

sar de não desempenharem actualmente nenhuma função architectónica, por motivo principalmente da sua situação elevada, não as pude extrair para as transportar para o seu devido lugar que é um museu. Outras trouxe porém.

Deve notar-se que são de mármore, que não existe na região; da época romana só vi uma grande e rica lápide de mármore igual a um fragmento de outra. É de presumir que para estas placas se aproveitasse material de construção romano, transformando-o mais ou menos.

A Sé da Idanha era uma basílica de carácter latino, com três naves, para cujas colunatas se aproveitaram troços de colunas e capitéis ou bases de procedência romana.

As muralhas ainda hoje rodeiam a povoação, mas em todo o perímetro tem sido exploradas, como uma verdadeira pedreira, não só para construções muito próximas, mas até para lugares um tanto distantes, como Alcafozes, Espadaneira, etc. É o destino fatal de todas as velhas povoações destronadas de antigo esplendor. De Cartago saíram materiais de construção para a Itália, para a Sicília. Declaro que sou o primeiro a não condenar absolutamente esta exploração inevitável dos muros da Idanha, mas uma condição me parece intransigentemente exigível: a de não se danificarem as lápides e os fragmentos architecturais romanos e medievais que se encontram em magna abundância no interior das muralhas. Assim redundaria em enorme proveito científico e histórico um procedimento que aparentemente tem o carácter de vandalismo e poderia deixar de o ser. Creio que depois da minha visita, aliás seguida de outras do Srs. Tavares Proença Júnior e Dr. Leite de Vasconcelos, nenhum dos grandes proprietários daquela região consentiria conscientemente o menor atentado contra as inscrições romanas descobertas, mas era necessário que este zelo se estendesse a qualquer pedra com labores antigos, que se encontrasse, obstando-se ao extravio das antiguidades que são elementos fundamentais para a história do próprio povo igeditanense.

¿Quem sabe quantos documentos nos reservam ainda as muralhas da Egitânia medieval? Eu não ousaria violá-las de alavanca em punho, mas na ansiedade de novos factos arqueológicos, desejaria *in mente* compensar um descalabro que reputo inevitável com numerosa série de novos descobrimentos epigráficos ou artisticos.

Num ponto das muralhas até um sarcófago trapezoidal intacto estava oculto na estrutura interna correspondente a alguma reconstrução medieval. É provável que ao esforço, com que da sua primitiva jazida foi transportado e erguido incólume para o maciço da muralha,

só correspondesse no dia em que de lá o arrancaram a desídia e a moleza que caracterizam o génio da demolição em todos os tempos.

Aquele *percalcavit* do letreiro da torre paira sobre as vicissitudes da história militar da Idanha e define com um só termo expressivo os diferentes sucessos de armas que à roda das robustas muralhas se desenrolaram.

No cunhal das muralhas a N. houve uma torre saliente depois de terem permanecido aquelas sem tal acessório; na cortina O. deu-se o contrário, existiu aí uma torre cilíndrica, depois do que a muralha sofreu uma reparação, em que se prescindiu dela. Fotografei duas em pontos diferentes.

Quem observar o estado de conservação das pedras antigas que se esconderam na íntima estrutura dos muros e das que constituem o paramento externo destes, nota sem custo grande diferença entre uma e outras; emquanto as primeiras conservam as suas arestas vivas, angulosas e frescas, as segundas apresentam-nas gastas, boleadas, das intempéries seculares que ali perpassaram.

Em vários pontos o maciço interno das muralhas era feito de alvenaria irregular de xistos, pedaços de tégulas, teijolos e vasos, tudo ligado por uma fortíssima argamassa; noutros as lápides romanas, as pedras lavradas dos sepulcros e os cantos de granito com molduras de cornijas e arquitraves clássicas misturavam-se com aduelas de arcos<sup>1</sup>, colunas, bases, capitéis, cuja antiguidade se deverá atribuir à época medieval um pouco tarda. Mas alguma cousa que se relaciona com os incidentes da vida militar da Idanha revela o exame da estrutura interna desta cinta de granito; as cantarias parecem mais abundantes junto à base dos muros; mas os elementos de anteriores construções transportados custosamente para ali amontoavam-se um pouco a êsmo no meio da argamassa como se a urgência de tempo impedisse regularidade no assentamento.

Quando em 1910 visitei a Idanha, estava-se fazendo, à entrada da Idanha sobre a estrada de Medelim, uma derrocada para a extracção de pedra; daí tinha sido levado um monólito de sepultura trapezoidal com nicho; segundo informações obtidas, foi feita em fragmentos. Ainda lá vi uma lápide em que se descobria a última linha com letras *rubicate* de mínio<sup>2</sup>, dentro de uma moldura.

<sup>1</sup> Medi uma destas peças; o trapézio da face media 0<sup>m</sup>,815 no eixo, 0<sup>m</sup>,455 e 0<sup>m</sup>,410 nos dois lados maior e menor.

<sup>2</sup> Era assim: OTI·F·C. Entra aqui por memória; o seu lugar é na monografia epigráfica.

Deve ter-lhe chegado a sua vez. Mas dava-se também outro caso: no chão da Azinheira vi uma lápide invertida e encaixada na muralha que porém fôra previamente picada e portanto denunciava ter já servido a casa anterior a fortificação. O que dá o nome a este local é uma alterosa azinheira que se enraizou no próprio adarve das muralhas.

No chão da tórre encontram-se ruínas de um edificio em que as paredes eram de forte argamassa. Colunas com capitéis, como as da basílica, também foram introduzidas nas muralhas.

A largura destas do lado N. é ainda de 4<sup>m</sup>,50.

Quando o interior das muralhas não revela construção sumária, as cantarias são colocadas em sucessivos degraus de assentamento muitas vezes contínuo. O paramento exterior é de aparelho liso, e jamais rusticado; dentro é que aparecem cantarias, que parecem da época romana.

No ângulo de NO. houve uma reconstrução; no desmoronamento ficou à vista a parte mais antiga, em que as juntas da silharia eram tomadas a cal e um traço com o gume da pá marcava a linha de junção. Indícios de paz. Nesta parte, os materiais desmoronados protegem a raiz da muralha; e, observando-os minuciosamente, nota-se que pertenciam ao mesmo edificio muitos dos fragmentos ali acumulados, porque condiziam absolutamente nas faces separadas. É que os monumentos romanos iam a eito! Como seria interessante tornar a reunir estas partes<sup>1</sup>...

Nalguns pontos, as velhas pedras apareciam já esmurradas a martelo; indício de que algum vandalismo anterior à construção das muralhas já tinha sido praticado.

Caminhando para NE., a espessura das muralhas, em consequência do seu desmoronamento, tem diminuído até 1 metro e menos. É porém deste lado que elas estão melhor conservadas e até a sua altura era menor, relativamente ao terreno, cujo declive era mais profundo.

Em um palheiro próximo da ponte encontram-se interiormente restos de muralha. Em outro ou no mesmo vê-se o resto de uma porta ou passagem que atravessava a antiga muralha, na sua abertura para o interior da fortaleza; foi porém obstruída com entulhos, como

---

<sup>1</sup> O Sr. João dos Reis projectava organizar em uma capela abandonada da povoação um museu com todas as antigualhas que iam aparecendo. Era um alto serviço à história da sua terra e à da architectura antiga em Portugal esta iniciativa.

por motivo de segurança; em uma das pedras, que constituiria a parede do corredor, vi um sinal de canteiro.

A tórre de menagem merece algumas palavras. A sua planta é rectangular:

À porta, que exteriormente é ogival, succede o corredor na espessura da parede, em abóbada de berço; dá o seguinte aspecto de dentro para fora:

Nos dois silhares fronteiros, à nascença da ogiva, pelo lado interno e na face das paredes do corredor, há duas pedras ou dentilhões salientes, que apoiavam a porta de madeira contra qualquer esforço para a meter dentro.

A grossa tranca, provávelmente de madeira, penetrava em mechas ou encaixes quadrados.

À altura do primeiro pavimento existem dentro cachorros cúbicos; a janela abre-se no mesmo pano da porta, isto é, a N.

Mas além disto, em três faces desta construção havia três sêteiras esguias. A janela é também por dentro de volta redonda. O envasamento da tórre denota que a sua construção foi feita com tranqüillidade e sem apertos de tempo; são admiráveis as linhas do seu elegante e robusto soco. É, julgo, uma circunstância pouco vulgar na meia-idade. Nota-se também à esquerda da soleira da janela um cachorro bem saliente. Daí ao solo vão 6 metros<sup>1</sup>.

Na vertical da porta, espaçados sobressaem em nível um pouco superior ao tímpano da janela, três cachorros de avançamento, os quais denunciam a existência de uma balhesteira que não foi reconstruída, na ocasião em que se remataram de pequeno aparelho as paredes da tórre. O conjunto e disposição destas três peças architectónicas, a porta, a janela, a balhesteira parecem denotar sofrivelmente que não são contemporâneas; mas é arriscada qualquer conjectura neste ponto.

Algumas pedras interiores têm siglas de canteiro.

Cavidades de grampos (*forfices*) vi em algumas.

Em um silhar da entrada descobre-se uma figura:

A poterna, que olha para poente, mede 0<sup>m</sup>,80 na vêrga direita e a sua altura actual é de 0<sup>m</sup>,85.

Como a vista da tórre o indica, o aparelho das camadas superiores é muito miúdo, mas isso representa, penso eu, reconstrução de outra época. O mesmo succede em antigas casas da povoação.

<sup>1</sup> Para eu estudar a inscrição do tímpano, o Sr. João dos Reis mandou construir um andaime onde me instalei durante o tempo necessário. Aqui lhe exaro mais êste primor da sua dedicação.

Mas o que notabiliza a tórre de menagem é a inscrição no tímpano da janela. É curioso que não se refere à sua construção, como poderia parecer, mas à destruição da Idanha no tempo de D. Sancho II.

No chão contíguo ao da tórre, para o rumo de N. e a um canto, existe ainda uma parte da muralha que circundava esta mesma edificação; é de pequeno aparelho também essa ruína, e sôbre ela corria uma faixa de tejos obliquos muito característica das estruturas medievais, embora talvez pouco comum em Portugal, onde em geral a pedra abunda. Pareceu-me ser aí uma entrada, mas próximo havia outra ruína de origem romana como já referi.

Umhas ruínas existentes no Chão do Capado deixam-me hesitante; já a elas me referi na época romana. O que é porém certo é que elas obedecem ao mesmo género de aparelho que o coroamento da tórre de menagem e que em casa antiga da povoação, essa a que chamam de Wamba. Chamam-lhe o *Convento*.

Tem contíguo um tanque e vêem-se vestígios de uma porta nessa parte, a alvenaria é argamassada com cantaria. Disseram-me que era tam rija que foi preciso destruí-la a fogo. Aí há também uns subterrâneos, onde não penetrei por falta de utensílios necessários, mas que certamente aguçam a curiosidade. Em um caminho dêsse mesmo lado, fora das muralhas dos Templários, há um lanço de forte muro de lascas de xisto agregadas por duríssima argamassa; inclino-me a que não seja obra romana, mas mediévia.

No alto da povoação há um poço ou cisterna que me informaram ter sido descoberto havia pouco tempo por meio de um *roteiro*! O caso é que eu teria vontade de o dragar, porque pode conter antigualhas<sup>4</sup>. Uma carranca fazia parte da parede interna de uma casa; era chamada o retrato de Wamba!

A ponte é medieval, conquanto corra escrito que data dos romanos. É provável que na época romana alguma ali tivesse existido, mas dela nada resta visível. Pode ser que nos fundamentos... Mas o que constitui a actual ponte são aduelas e silhares de aparelho medieval, excepto aqueles que são materiais extraídos dos monumentos romanos, como as lápides, que aparecem no paramento exterior. Os próprios silhares são marcados de siglas; tudo denuncia pois que

---

<sup>4</sup> Um poço pertencente ao Sr. João dos Reis continha dezenas de bilhas medievais que farão objecto de uma monografia e que constituem uma importantíssima colecção cerâmica.

data da idade-média, sécs. XII a XIV. Tem três cortamares de secção triangular, isto é, agudos; cinco arcos de curvas já bastante deslocados, mas em que a larga ogiva predomina.

O edificio da Sé tem tido reparações e acrescentamentos e até disposições diferentes, porque a entrada actual olha a um lado diferentes do que já foi.

O campanário parece românico; a sua semelhança com o de S. Pedro de Vila-Corça é palpável; fica no lado onde últimamente teria sido a capela-mor.

Na fotografia um casal de cegonhas mostra-se cómodamente instalado no vértice, coroado de um ninho que elle só constitui mais de uma carrada de lenha. A cegonha é um providencial destruidor de cobras e lagartos. Aquelas atingem na região uma grandeza colossal, como eu próprio vi<sup>1</sup>.

Numa velha casa da Idanha o pano da parede fronteira é de aparelho miúdo igual ao da reconstrução superior da torre de menagem.

Na face da Sé, voltada ao poente, existe entaipada uma porta ogival sobrepujada de uma empena muito aguda. As aduelas que formam o arco interno e subjacente são chanfradas no vivo; e apoiam-se em impostas com múltiplas molduras; o extradós da ogiva torneia-se em um toro que já vem dos pés direitos. Este conjunto parece revelar o séc. XIV ou princípios do XV. Mas no frontão formado pela empena estão embutidas duas pedras, uma delas, a inferior, com o emblema manuelino da esfera ao lado de um escudo com quatro besantes em cruz sobrepujados de uma coroa aberta flordelizada. Sobre esta pedra, outra menor tem em alto relêvo um pequeno Santo Cristo de braços horizontais. Parecem acessórios apostos mais recentemente, pelo menos os de baixo.

Esta porta travessa está actualmente entulhada quasi até a imposta pelo terreno adjacente, mas demonstra que a Sé pelo menos ainda no séc. XV e talvez XVI estava aberta ao culto. Creio até que a sua actual entrada, uma porta de abertura rectangular, permite supor que o culto nela se manteve até o séc. XVII ou XVIII. Contudo numa ombreira desta porta, cujas pedras são almofadadas (se bem que não romanas), há uma sigla, que é um G uncial.

---

<sup>1</sup> Não pude medir um grande ofidio que encontrei na freguesia das Aranhas, porque não levava fita e já repugnava a adiantada putrefacção do exemplar. Teria 2 a 3 metros de comprimento.

## Tempos modernos

O monumento mais importante desta época é o pelourinho. Nêle avultam vários símbolos e letras. Entre aqueles, a esfera armilar, a cruz de Cristo, etc., lavradas em um capitel grosseiro, que coroa uma coluna oitavada de granito. Serve de remate uma pedra de forma sub-piramidal, donde emerge uma haste de ferro crucifera. A base é um pedregulho cúbico com chanfros nas quinas e um ornato vegetal saliente em cada uma. Três degraus informes, a desconjuntarem-se, formam o acesso do monumento.

Além da igreja moderna, chamada da Misericórdia, a qual igreja fica junto do pelourinho, havia mais três ermidas, a de S. Dâmaso: que contém inscrições romanas, a do Espírito Santo e a de Santo António. Só a segunda, se bem me lembro, tem culto; a terceira destinava-a o seu dono para núcleo de museu.

Na igreja há uma imagem de S. Domingos, cuja raspagem é praticada pelas pessoas supersticiosas para livrar de maleitas. Também se lhe oferece e traz areia para o mesmo fim.

Qualquer que seja a origem e antiguidade da lenda relativa a Wamba, etnograficamente é um facto coevo e portanto introduzo-a aqui.

Wamba andava lavrando com o seu arado quando o foram buscar para ser rei. Levava-lhe a mulher para o jantar um galo cozido, quando emissários lhe foram levar a notícia. Êle retorquiu que só acreditaria no que lhe diziam se aquele galo cantasse.

Uma variante diz que foi o Pontífice romano quem lhe enviou uma deputação a convidá-lo para ser rei. Wamba, que guiava a junta de bois com uma vara, respondeu que só acreditaria se a vara sêca que êle empunhava florisse. O grande freixo, que ainda se vê no meio da Tapada do Jardim, é essa mesma vara. Segundo outra variante, as palavras de Wamba foram:

! Quando esta vara tiver a rama,  
Serei o rei Wamba!

Na bôca de outros o nome completo era: Flávio Wamba.

Um prolóquio que lá se ouve, é o seguinte:

! *Saiba Deus e todo o mundo que el-rei Wamba era cornudo!* O que não deve tomar-se no sentido malicioso, mas significa que Wamba possuía numerosas cabeças de gado *cornudo* (vacas e cabras).

Conta-se que uns homens encontraram uma pedra que tinha os seguintes dizeres:

*Quem me a mim erguer, debaixo de mim «achar» um grande haver.* Assim o fizeram os crédulos, mas na outra face da pedra leram o seguinte:

*Viraste(me) dêste lado, porque do outro já estava enfadado!*

De S. Dâmaso, cuja capela acima referi, contaram-me que foi apedrejado pelos habitantes da Idanha e teve de fugir. Chegado a alguma distância, voltou-se para os que o perseguiram e disse:

Ide-vos agora, voltaí para vossas casas; quando lá chegardes achareis os vossos filhos com os olhos devorados por formigas; ; trinta chegareis e daí não passareis!<sup>1</sup>

Assim tem sucedido, dizem, porque se tem visto que Idanha-a-Velha não cresce; mas para verificar a verdade da predição, é preciso contar os casais completos.

Vi ainda em uso uma mó manual, se bem que maior que as antigas. Destas vi um fragmento em uma tapada. Desenhou-a o bom do Gameiro. Compunha-se também de duas peças, das quais a fixa ou inferior se chama *puso*. O braço de madeira com que se tange é o *cadamolho*; *segurelha* e *veio* são termos comuns a outras regiões.

Entre os antigos achados de que há notícia, arquivo o de uma chave de ouro, encontrada na povoação mesmo; essa antigualha foi oferecida ao bispo de Portalegre D. Gaudêncio, por ocasião da visita pastoral à Idanha.

Pôsto que nem todas as expressões dialectais, que se julga de vantagem apontar, fôsem recolhidas em Idanha-a-Velha, como seria inconveniente a sua dispersão, vou reüni-las aqui, porque elas são próprias dos povos cujo centro histórico é a antiga Egitânia. Assim temos:

*Saia* = é o pano que pende à roda de uma mesa, debaixo da qual arde a braseira.

*Possa* = padieira da porta ou janela.

*Batoral* = passagem ou banquetta de pedra sôbre um caminho alagado de água.

*Malhada* = curral de porcos; consta do *furdão*, das *furdas*, da *curralada*, da *bagaceira*, e da tenda do *porqueiro*.

; *Venho* (molhado) que nem uma *xostra*!

*Se cuder* = se puder.

<sup>1</sup> A lenda das formigas ouvi-a referir a outros pontos; Catrão, Guarda, etc.

*Lamegueiros* = arbusto que dá bagas amarelas e doces. Disseram-me que em Castelo Branco chamam *nicreiros*.

*Fontainha* = fonte pequena.

*Mai alto, mai antigo, pouco mai ou menos.*

*Manejeiro* = capataz de qualquer serviço agrícola.

*Decrua* = A primeira lavoura de uma terra. Daí *adecruar*.

*Stravessa* = A segunda lavoura.

*Largor* = largura.

*Pirto* = pêrtego.

*Inxêco* = estôrvo.

*Aquesse* = êsse.

*Malho* = machado. Daqui provém o nome que dão aos machados depois de se explicar o préstimo antigo destes utensílios.

*Venissimos* = vindouros. Ouvi esta palavra, falando-se de um lenço forte e de bom pano; *¡é para venissimos!*

*Fracheira* (mulher) = activa. O *ch* é explosivo.

*Chega-te p'ra'i maneirinhas.*

*Batocova* = depressão na montanha.

*Spôis* = depois.

*Lúcaro* = lucro.

*Marouva* = fruta. A pronúncia do *ou* é muito especial.

*Mai* = mas e mais.

*Mal amigas de alguém.*

*Quaso* = caso.

*Campanhas da Idanha* = Os campos da Idanha.

*Traquer* = trazer.

*Buaxo* = baixo.

*Boiêda* = boiada.

*Obriguêrem* =

*Moes* = plural de mole.

*Alavoeiro* (pastor) = é o que guarda o gado *alavão*, parido, que está a dar leite na *queijeira*.

*Roupeiro* (pastor) = é o pastor que faz os queijos.

*Vasieiro* (pastor) = é o que guarda o gado vazio.

*Taronda* (vaca) = é a que já pode chegar-se ao boi.

*Maioral* (pastor) = é o pastor chefe.

*Porqueiro* = é o pastor que trata dos porcos grandes e pequenos.

*Afilhador* = é o pastor ou porqueiro que trata das porcas parideiras.

*Ajuda* = é o rapaz que acompanha o pastor ou porqueiro.

*Marranchos* = são os porcos grandes.

*Bácoros* = são os da última *parição*.

*Montanheiros* (porcos) = são os nascidos no outono.

*Hervinhos* (porcos) = os nascidos na primavera<sup>1</sup>.

Em muitas terras de Portugal existe o costume de dar epítetos em geral sarcásticos aos habitantes das povoações mais próximas.

Julgo ser este o lugar próprio para registar os que ouvi nesta região beiroa, para evitar a dispersão dos próprios de cada povo, o que enfraqueceria o significado do fenómeno; além disto, a Idanha é o centro etnológico, por assim dizer, da região e portanto de todos os factos que lhe respeitam.

Assim os habitantes de Idanha-a-Velha são:

*Eibados* (eivados) = porque são atacados de uma doença endémica e ao que parece de natureza sazonal, a qual os faz inchar no ventre.

*Lagarteiros* = os de Monsanto, porque vivem nos *barrocos*, onde se escondem também os lagartos<sup>2</sup>.

*Melistas* = os de Pena-Garcia, porque colhem muito mel.

*Galinheiros* = os mesmos, porque são sujos como as galinhas.

*Alarves* = os de Idanha-a-Nova, porque possuem largas campinas e comem muito pão com *miga*.

*Esturrados* = os de Alcafozes, por serem muito trigueiros.

*Quadrazinhos* = os mesmos, por serem de má índole.

*Bailaricos* = os de Medelim.

*Prometões* = os de Proença-a-Velha, porque prometem muito e dão pouco.

*Melados* = os mesmos, por serem muito lisonjeiros.

*Gravatinhas* = os de Penamacor, porque andam vestidos com luxo.

*Cebolheiros* = os de S. Miguel de Acha, por cultivarem muita cebola.

*Alcains* = é a terra dos cães, porque quando se bate num cão, êle diz o nome da terra, gritando *alcain, alcain*.

Agosto de 1916.

FÉLIX ALVES PEREIRA.

<sup>1</sup> Esta tecnologia relativa à criação de porcos obtive do meu amigo o Sr. Tavares Proença Júnior em uma informação escrita pelo Sr. P.º António dos Santos, de Castelo Branco (26-IX-908). Acrescentava que nesta última região *barracos* (varrascos) eram os porcos pais.

<sup>2</sup> As explicações são também as populares na sua mesma rudeza. É claro que apenas arquivo o facto etnográfico, sem perfilhar os epigramas de modo algum.